

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Jornal do Brasil

Class.: Um eu-wau-wau

Data: 10.08.72

Pg.: 02

Flecha mostra que índios wau-waus mataram crianças

Cuiabá — Baseado no exame das flechas recolhidas no local onde se deu o ataque, o sertanista Apoena de Meireles afirmou ontem ao JORNAL DO BRASIL que não foram os suruis quem trucidaram a família do seringueiro Euclides Candido da Costa, mas sim um grupo nômade de índios urueu wau-waus, do ramo Tupi.

O sertanista, que neste fim de semana deverá seguir para Porto Velho onde se juntará a seu pai — Francisco Meireles — para tentar contatar esse grupo de índios, esclareceu que os wau-waus, consanguíneos dos temíveis caripunas ou bocas-negras, andam vagando pela região desde que foi concluída a Rodovia BR-364 e as frentes pioneiras de colonização começaram a ameaçar o habitat natural da tribo.

PERIGO

Apesar de lamentar profundamente a morte das duas crianças, Apoena de Meireles condena com veemência todos aqueles que pretendem se fazer de juizes dos atos dos índios, violentos ou não.

— Não posso — disse — deixar de me entristecer diante de fatos tão dolorosos, mas também não posso admitir que se veja o índio como um animal selvagem pronto a destruir, a trucidar. É preciso lembrar que se formos estabelecer uma escala comparativa dos atos de hostilidade praticados entre brancos e índios, estes últimos levam uma desvantagem significativa em toda a História do Brasil.

Apoena salienta que não acha estranho o fato de os wau-waus terem agido com acentuada violência diante de uma mulher e três crianças apenas:

— Nestas paragens ninguém ignora que a mulher de um seringuei-

ro maneja uma espingarda tão bem quanto o maridô. É uma necessidade natural, quase alvífica. Acredito, sem tomar partido apaixonado, que os índios tenham chegado à casa do seringueiro em número bastante significativo. A mulher deve ter se assustado, apanhado a arma e aí teria tido início a violenta reação dos wau-waus.

Creio — prossegue — que o grupo já vinha estudando a família há algum tempo, tanto assim que esperaram o momento de Euclides ir para o trabalho para se aproximar tentando, talvez, estabelecer um contato pacífico em busca de comida. Se desajassem fazer mal a alguém já teriam feito com toda facilidade, preparando uma emboscada para o seringueiro.

Quanto ao fato de os índios terem saqueado a palhoça do seringueiro, Apoena de Meireles argumenta que essa é uma circunstância perfeitamente normal na maneira de agir desses índios.

— Não mataram, absolutamente, para roubar. Levaram aquilo que acharam de interessante. Os cintas largas, quando mataram Possidônio Bastos, no rio Roosevelt, no ano passado, levaram sua máquina de escrever, gravador, máquina fotográfica e outros objetos que para eles não teriam a menor utilidade. Eles agem como crianças curiosas. Podem acreditar que não há ódio nem maldade em suas ações que tanto nos chocam. É preciso lembrar que o branco, quando arma uma empreitada, é muito mais cruel, muito mais traiçoeiro, não poupando também nem mulheres nem crianças indígenas.

CONTATOS

O sertanista revela que os wau-waus, em 1969, também em Rondônia, num seringal acima de Vila de Jaci-Paraná, mataram duas crianças:

— Em 1970, em outro seringal, do José Milton Rios, mataram outro seringueiro. Esses índios vivem em grupo reduzido e estão praticamente encurralados entre a BR-364, que liga Porto Velho a Cuiabá, e as frentes pioneiras que se deslocam a partir de Guajará Mirim, na fronteira com a Bolívia.

Por outro lado — acentua Apoena — o quinto BEC está construindo uma estrada ligando Ariquenes a Guajará Mirim, o que encurtará sensivelmente o caminho para o Acre. Essa nova ligação tornará ainda mais crítica a situação dos índios podendo gerar problemas de maior gravidade.

O sertanista também preconiza a necessidade urgente de se tentar reatar o contato com esses índios, gradativamente, atraí-los para as reservas do Parque do Aripuanã:

— Comecei a desenvolver esse trabalho a partir de 1971, quando foi assassinado um fazendeiro. Estive no local, armei uma série de tapiris — espécies de altares para oferendas aos índios — mas tive que me retirar para área de atividade do Parque e o caso ficou entregue à 8.ª Delegacia Regional da Funai. Os wau-waus estão operando no lado esquerdo da BR-364, no sentido de Cuiabá a Porto Velho. Enquanto do outro lado, o direito, estão os suruis e cintas largas.

Com relação aos suruis, Apoena afirma que não irá demorar muito para que esses índios passem também a assumir atitudes violentas:

— Podem acreditar no que digo, pois as glebas da Cia. Itaporanga estão localizadas a cerca de 20 quilômetros de uma das maiores aldeias suruis. Esses índios já sofreram um surto de sarampo que lhes poderia ter sido fatal. E contaminaram-se devido à proximidade dos colonos que, afinal de contas, não têm culpa nenhuma da si-

tuação. Quando falo sobre isso todos se apressam em me condenar, tachando-me de desalmado, de inimigo de pobres camponeses. Mas, pergunto, como preservar a integridade física e cultural do índio diante dessas circunstâncias todas?

Os wau-waus — conclui Apoena de Meireles — devem ser levados o quanto antes para o Aripuanã. Vou para Porto Velho, com toda certeza neste fim de semana, onde me encontrarei com meu pai. Possivelmente organizarei uma expedição para ir de encontro ao grupo antes que algumas pessoas tomem a desgraçada iniciativa de fazer justiça pelas próprias mãos.

CONVALESCENÇA

Em Cuiabá, ainda na Santa Casa de Misericórdia, a mulher do seringueiro Euclides Candido da Costa, Dona Erineu, continua ainda em estado que inspira sérios cuidados. Está sendo-lhe administrada grande quantidade de plasma e soro, enquanto sua filha, a menina Doralice, de 12 anos, única filha a escapar à chacina de anteontem, continua a fazer-lhe companhia. O seringueiro, por sua vez, continua a afirmar que irá se vingar, "custe o que custar."

Ele ainda não sabe que foram os wau-waus os autores da morte de seus dois filhos. E, em todo o desespero de sua dor, diz que os índios são iguais, isto é, "gente bruta que só sabe matar e roubar." Ontem, Euclides estava tão alucinado que tentou investir contra um fotógrafo de Cuiabá que se encontrava nas proximidades da Santa Casa. O fotógrafo era japonês. O seringueiro confessava depois, nunca ter visto um japonês em sua vida. "O fotógrafo parecia índio, daí que fiquei com raiva quando o vi perto do hospital" — disse, depois de acalmado pelo repórter.